



ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

ECPC

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsionial, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.

Unidade Agroalimentar e Licenciamento

DADR – Divisão Agroalimentar e
Desenvolvimento Rural

Quinta das Oliveiras, E.N.3 – 2000-471 Santarém

Telefone: 243 377 500

Info@draplvt.gov.pt

www.draplvt.gov.pt



AGOSTO 2024



Estado do tempo e sua influência na agricultura em geral

No **Oeste** o mês caracterizou-se por alguma variabilidade térmica nas temperaturas máximas. De acordo com os dados recolhidos nas três estações do IPMA presentes na Região Oeste (Torres Vedras/Dois Portos, Alcobaça e Santa Cruz (Aeródromo)), o período mais quente ocorreu na terceira semana do mês, entre os dias 15 e 17, com um pico de temperaturas elevadas, verificando-se registos acima de 35°C. Durante o resto do mês as temperaturas máximas oscilaram entre os 20°C e os 32°C. Ao longo do mês os registos nas três estações seguiram uma tendência semelhante, com valores superiores na estação de Torres Vedras/Dois Portos, embora bastante próximos aos da estação de Alcobaça e significativamente inferiores na estação de Santa Cruz (Aeródromo). As temperaturas máximas variaram entre os 38,2°C, registados no dia 16 na estação de Torres Vedras/Dois Portos e os 19,4°C, registados no dia 30 na estação de Santa Cruz (Aeródromo). A temperatura máxima média foi de 28,5°C na estação de Torres Vedras/Dois Portos, de 27,1°C na estação de Alcobaça e de 21,9°C na estação de Santa Cruz (Aeródromo), podendo-se considerar que as temperaturas máximas se apresentaram normais para a época, face aos valores médios dos últimos anos.

As temperaturas mínimas também apresentaram variabilidade, tendo sido mais estáveis no início do mês. Oscilaram entre os 12°C no dia 25 e os 20,2°C no dia 12, ambos os valores registados na estação de Alcobaça. A temperatura mínima média foi de 17,4°C na estação de Torres Vedras/Dois Portos, de 17,1°C na estação de Alcobaça e de 16,8°C na estação de Santa Cruz (Aeródromo), podendo-se considerar as temperaturas mínimas com valores normais para a época.



Em termos de precipitação o mês foi ainda menos chuvoso do que o anterior, com alguns episódios de chuva fraca ou chuviscos. Na estação de Torres Vedras/Dois Portos não houve registo de precipitação. Na estação de Alcobaça foram registados cinco dias com precipitação, com um valor acumulado de 2mm e na estação de Santa Cruz (Aeródromo), foram registados sete dias com precipitação, com um valor acumulado de 1,2mm. A precipitação máxima foi registada no dia 13 com 1,4mm na estação de Alcobaça.

No final do mês registava-se uma redução dos níveis de água no solo face ao mês anterior, devido às condições climatéricas de reduzida precipitação, tempo ventoso e boas temperaturas atmosféricas. Em 31 de agosto mais de 80% do território da região Oeste situava-se no índice de capacidade de solo CC [21-40]. Duas pequenas áreas nos concelhos de Lourinhã e de Alcobaça apresentavam o índice CC [41-60] e outras duas pequenas áreas nos concelhos de Alenquer, Alcobaça e Nazaré apresentavam o índice CC [11-20].

A humidade relativa do ar ao longo do mês, apresentou valores máximos predominantemente superiores a 90% nas três estações. O valor mínimo de humidade relativa do ar foi de 16%, registado na estação de Torres Vedras/Dois Portos no dia 16. De acordo com os registos das estações, o valor médio da humidade relativa do ar foi de 78% em Torres Vedras/Dois Portos, 76% em Alcobaça e 92% em Santa Cruz (Aeródromo).

O mês caracterizou-se predominantemente por dias de céu pouco nublado ou limpo, apresentando períodos de maior nebulosidade nas zonas mais junto ao litoral e pela ocorrência persistente de neblinas ou nevoeiros matinais, mais junto à faixa costeira, à semelhança do mês anterior.

Em relação à intensidade do vento, o mês apresentou-se ventoso. Foram registados vinte dias na estação de Torres Vedras/Dois Portos com rajadas superiores a 40km/hora, dois dias na estação de Alcobaça e sete dias na estação de Santa Cruz (Aeródromo). As rajadas máximas, de 56,2km/h, foram registadas no dia 5 na estação de Torres Vedras/Dois Portos.

No final do mês pode-se considerar normal o estado das linhas de água superficiais e o armazenamento de águas superficiais e nos aquíferos, com disponibilidade de água para rega e para o abeberamento de animais.

Quanto à influência do tempo sobre as principais culturas, nas vinhas as condições climatéricas ao longo do mês foram normais para a época do ano, sem identificação de ocorrências que tenham afetado negativamente a cultura. Nos pomares de pomóideas mais junto da orla marítima, os chuviscos matinais e as temperaturas elevadas verificadas pontualmente, aceleraram a maturação das peras e as infeções de estenfiliose, provocando também alguns episódios de escaldão solar em pomares mais distantes da faixa costeira. Na batata de regadio, as oscilações de temperatura resultantes de dias encobertos e a forte intensidade do vento que se fez sentir, tiveram um efeito negativo na cultura, designadamente no desenvolvimento dos calibres e no surgimento de focos de podridão mole decorrentes de lesões nas plantas, junto ao solo, provocadas pela intensidade do vento. Também a humidade provocada pelas neblinas persistentes e pela presença de alguns dias com chuviscos favoreceu o desenvolvimento de míldio. Nas hortícolas de ar livre e em estufa as condições atmosféricas não influenciaram negativamente as culturas, que decorreram dentro da normalidade.



No **Médio Tejo** as condições climáticas caracterizaram-se por uma menor variabilidade das amplitudes térmicas ao longo do mês relativamente ao mês anterior, com temperaturas e humidades relativas altas.

Registaram-se os valores mais elevados de temperatura máxima no dia 10 de 41,2°C e no dia 16 de 42,6°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e de Alvega/Abrantes. As temperaturas máximas mais baixas, de 26,7°C e 30,6°C, foram registadas nos dias 22 e 31, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e de Alvega/Abrantes. As temperaturas mínimas apresentaram valores mais constantes, registando-se o valor mais elevado no dia 18, de 19,6°C na estação meteorológica de Tomar/Vale Donas e de 20,1°C na estação meteorológica de Alvega/Abrantes e os valores mais baixos de 14,7°C e 10,1°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e Alvega/Abrantes, registados nos dias 25 a 27 e no dia 23.

O mês decorreu sem registos de precipitação em ambas as estações meteorológicas.

No final do mês o teor de água no solo situou-se maioritariamente no intervalo CC [11-20] na estação meteorológica de Alvega/Abrantes, enquanto que na estação meteorológica de Tomar/Vale Donas registaram-se valores situados maioritariamente no intervalo CC [21-40] e, em algumas zonas, situados no intervalo CC [11-20].

A humidade relativa registada na estação meteorológica de Tomar/Vale Donas oscilou entre 42% e 82%, sendo a média do mês de 68% e na estação meteorológica de Alvega/Abrantes oscilou entre 45% e 76%, sendo a média do mês de 62%.

Durante o mês os dias decorreram essencialmente com pouca nebulosidade ou com céu limpo, com alguns períodos de nebulosidade entre os dias 9 a 11.

O vento soprou em geral fraco ou moderado na região (30 a 45 km/h), tendo sido excepcionalmente registadas rajadas máximas de 48,6 Km/h e 49 km/h, nos dias 2 e 18, na estação meteorológica de Tomar/Vale Donas.

Durante este mês não se verificaram ainda situações de escassez na disponibilidade de água quer para rega quer para o abeberamento de animais.

Quanto à influência do tempo sobre as culturas, nos olivais não se verificou um impacto negativo no desenvolvimento da cultura. Nas figueiras, as temperaturas elevadas e a baixa precipitação tiveram uma influência negativa no calibre dos figos vindimos. No limão, as temperaturas altas continuaram a danificar muitos frutos por efeito de escaldão.

Na **Lezíria do Tejo** a estação de Santarém do IPMA registou “falha de dados” entre os dias 1 a 6 de agosto, pelo que a descrição infra, relativa a esta região, apenas se refere aos dados recolhidos a partir do dia 7. A temperatura média diária no mês foi de 22,9°C, variando entre 20,7°C no dia 31 e 27,6°C no dia 16. A temperatura máxima mais baixa registada foi 27,1°C no dia 29. O valor mais elevado de temperatura máxima, de 40,9°C, foi registado no dia 16. A média das temperaturas máximas foi de 32,5°C.



A média da temperatura mínima situou-se em 17,2°C, apresentando o valor mais baixo de 14,1°C no dia 28 e o mais elevado, de 19,4°C, no dia 18.

Não ocorreu precipitação neste mês na região.

A humidade relativa oscilou entre 42% e 79%, com uma média de 68%.

O vento soprou em geral fraco a moderado, com maior intensidade nos dias 18, 20 e 24. Registou-se o valor de intensidade máxima de 47,9km/h no dia 18.

No **Baixo Sorraia** a temperatura média diária no mês foi de 23,4°C, variando entre 20,8°C no dia 28 e 26,3°C nos dias 16 e 17. A temperatura máxima mais baixa registada foi 28,6°C no dia 29, sendo o dia 16 o mais quente do mês com 40,6°C. A média das temperaturas máximas foi de 33,7°C.

Relativamente à temperatura mínima, registou-se o valor médio de 15,4°C. O dia 28 apresentou a temperatura mínima mais baixa de 11,3°C. A temperatura mínima mais elevada foi de 18,7°C registada no dia 18.

Não ocorreu precipitação neste mês na região.

A humidade relativa oscilou entre 51% e 81%, com uma média de 72%.

O vento soprou em geral fraco a moderado, com maior intensidade nos dias 2, 18 e 23. Registou-se o valor de intensidade máxima de 40,7km/h no dia 2.

Quanto à influência do estado do tempo sobre as culturas, na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia as chuvas ocorridas imediatamente antes da colheita de trigo mole levaram a uma diminuição de qualidade. Nas vinhas as elevadas temperaturas que se registaram durante o período de vindima, levando à desidratação dos bagos, contribuíram para uma quebra de produção relativamente à campanha anterior. No amendoal, a elevada precipitação verificada na primavera levou a perdas na floração, com consequentes quebras de produção. No feijão (seco) as condições climatéricas verificadas ao longo do ciclo cultural, nomeadamente as trovoadas ocorridas, prejudicaram o desenvolvimento da cultura. No tomate para indústria o tempo quente e seco propiciou o surgimento de pragas como o aranhaço e *Tuta absoluta*, fazendo secar as plantas rapidamente. Ainda no que respeita a esta cultura, a ausência de precipitação permitiu manter os campos limpos de fungos e as colheitas decorreram sem interrupções e sem dificuldades. Na batata de regadio a campanha mais precoce foi afetada pela ocorrência de fortes precipitações e, a mais tardia, pelas elevadas temperaturas, situações que prejudicaram o desenvolvimento da cultura.

Na **Grande Lisboa** as temperaturas máximas assinalaram grandes oscilações até ao dia 20, tendo sido registados os valores mais elevados nos dias 4, 10 e 16 com 34°C, 35,2°C e 38,7°C respetivamente, sendo o valor normal para a época de 27,8°C. No que respeita à temperatura mínima (com valor normal para a época de 18,1°C), houve registo da temperatura mais elevada no dia 17 de 20,8°C e a temperatura mínima mais baixa de 16,3°C no dia 28.

Neste mês foram registados 0,1mm de precipitação acumulada na estação meteorológica de Lisboa, o que se revela baixo para a época quando comparado com o valor normal de 6,8mm. No dia 13 houve ocorrência de precipitação na ordem de 0,1mm.



No decorrer do mês mantiveram-se os valores do teor de água no solo, com os níveis de saturação no índice CC [21-40].

Na estação meteorológica de Lisboa a humidade relativa média oscilou entre 33% e 75%, sendo a média no mês de 64%.

Os dias foram maioritariamente caracterizados por nebulosidade matinal.

No que respeita ao vento, este esteve geralmente moderado, soprando por vezes forte, com registo de rajada máxima na ordem de 56,2km/h no dia 24.

Não se registaram faltas de água para a rega nem para o abeberamento de animais.

Quanto à influência do estado do tempo sobre as culturas, nas vinhas para vinho registaram-se casos de podridão cinzenta causada pelo fungo *Botrytis cinerea*, cujas condições de elevada humidade relativa e temperaturas foram propícias ao seu desenvolvimento. Nas pomóideas, a temperatura elevada que se fez sentir em alguns dias ao longo do mês associada à elevada humidade relativa matinal, foram favoráveis à aceleração da maturação dos frutos, bem como às infeções de estenfiliose. No limoeiro, as condições climatéricas foram propícias ao aumento de incidência de traça e de cochonilha. No que diz respeito ao tomate para indústria, o pico de calor que se fez sentir em meados de agosto afetou algumas zonas, provocando mesmo a queimadura das plantas e frutos. No girassol a colheita esteve, de um modo geral, atrasada devido às chuvas ocorridas nos meses anteriores, que determinaram sementeiras mais tardias (finais de maio), sendo que estas ficaram sujeitas às temperaturas muito elevadas em junho e julho e, por isso, viram comprometidas a sua floração, perspetivando uma menor produtividade relativamente ao ano anterior.

Na **Península de Setúbal**, contrariamente ao mês anterior, em agosto não ocorreram oscilações tão elevadas nas temperaturas, tendo sido muito mais constantes. Registou-se a amplitude térmica de 10,6°C em apenas três dias, nos dias 13 a 16. Verificaram-se picos de temperatura máxima nos dias 10 e 16, tendo sido registado o valor máximo de 39,7°C no dia 16 e o valor mínimo de 27,3°C no dia 29. Temperaturas máximas próximas do normal para a época (29,5°C) praticamente apenas foram registadas a partir do dia 20.

Relativamente às temperaturas mínimas, os valores também não registaram grandes oscilações ao longo do mês, sendo o valor da temperatura normal para a época de 16°C. Foi registado o valor mais elevado da temperatura mínima de 21,9°C nos dias 16 e 17 e o valor mais baixo de 13,9°C no dia 27.

O mês decorreu muito seco na região, não se registando qualquer ocorrência de precipitação na estação de Setúbal, sendo o valor normal para a época de 3,6mm.

Os valores do teor de água no solo foram diminuindo ao longo do mês, registando-se no final valores bastante inferiores aos verificados em julho, com os níveis de saturação de água no solo no índice CC [1-10] em grande parte das áreas dos concelhos da Península de Setúbal, excetuando-se as regiões mais costeiras da zona oeste. Nas restantes, os níveis de saturação de água no solo situavam-se no índice CC [11-20] e uma área muito reduzida no índice CC [21-40].



Na estação meteorológica de Setúbal a humidade relativa oscilou entre 31% e 75%, sendo a média no mês de 65%.

Os dias decorreram com céu pouco nublado ou limpo. Registaram-se alguns dias com neblinas matinais.

O vento soprou em geral fraco a moderado, por vezes forte, com maior intensidade nos dias 17 a 20. Foram registados valores de rajada máxima na ordem de 48,6Km/h.

Durante o mês não se verificaram situações de escassez nas disponibilidades de água para rega e no abeberamento de animais.

Conforme referido em relatórios anteriores, as condições climatéricas verificadas ao longo desta campanha, nomeadamente os elevados valores de precipitação que ocorreram em fevereiro e março, tiveram consequências nas sementeiras e plantações, bem como no desenvolvimento vegetativo das culturas da vinha, milho, arroz, tomate para indústria e batata. Na sequência das trovoadas ocorridas no final de julho verificaram-se ataques de míldio em alguns campos ocupados com a cultura de tomate para a indústria. No amendoal, a precipitação ocorrida na primavera provocou muita queda de flor, levando à diminuição de frutos vingados e consequentemente ao decréscimo da produção.



Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal

Oeste

Nas vinhas (vinho), com o evoluir do ciclo da cultura, a pressão dos ataques de míldio e oídio foi menos significativa ao longo do mês. No entanto, como já perspectivado no mês anterior, verificaram-se na região ataques precoces de podridão cinzenta em algumas castas, doença causada pelo fungo *Botrytis cinerea*, com especial incidência nas castas brancas. Prevê-se uma campanha com problemas significativos com esta doença, no entanto a sua evolução e o impacto que terá na qualidade do vinho, está muito dependente do estado do tempo ao longo da vindima. Ao nível de pragas, este ano a incidência foi mais baixa, não tendo sido identificados problemas significativos.

Nas vinhas (uva de mesa) não foram identificados problemas significativos de doenças. Ao nível de pragas, os ataques de mosca da fruta (*Ceratitis capitata*), cuja presença foi identificada no mês anterior, foram considerados fracos, com capturas levemente superiores a 1,5 adultos/dia. A presença de cicadélídeos (cigarrinha verde) também se manteve de baixa intensidade.

Nas pomóideas, à semelhança do que tem ocorrido nos últimos anos, os sintomas de estenfiliose nas pereiras aumentaram fortemente com o aproximar da colheita, tendo provocado quebras de produção importantes em alguns pomares e fazendo baixar as estimativas de produção avançadas no mês de julho. Os sintomas de fogo bacteriano também aumentaram ao longo do mês, principalmente nos pomares de pereiras, embora também estejam presentes nos pomares de



macieiras. A grande incidência de fogo bacteriano verificada este ano, irá obrigar à redução da volumetria dos pomares e da capacidade produtiva, devido às medidas preventivas necessárias para combate da doença. Verificaram-se ainda problemas de pedrado nos pomares de pereiras e de macieiras, principalmente em zonas mais húmidas. Nos pomares de macieiras foram identificados alguns problemas de podridão na fossa apical dos frutos, tendo aumentado a incidência junto à colheita. Em termos de pragas, verificou-se uma forte presença de mosca da fruta. Foram ainda identificados problemas de filoxera e de psila junto à colheita. Com a aproximação da data de colheita, alguns tratamentos não foram realizados e os possíveis nem sempre foram eficazes. Foram identificados problemas de escaldão solar.

No milho de regadio, em termos fitossanitários, no final do mês a cultura apresentava uma situação satisfatória sem identificação de problemas significativos de doenças ou pragas. Também ao nível de infestantes não foram identificadas situações significativas, tendo sido efetuados os devidos tratamentos para controlo das mesmas, que se revelaram eficazes. A presença de javalis, principalmente em zonas mais distantes da orla marítima, tem provocado prejuízos nas searas.

Na batata de regadio, durante o mês continuou a verificar-se alguma incidência de fungos, principalmente alternaria e míldio. Verificaram-se ataques de traça e de lagarta. Ocorreram alguns focos de podridão mole devido à quebra de plantas em resultado da intensidade do vento.

No arroz, não foram identificados problemas significativos com doenças ou pragas. Houve presença de infestantes, principalmente milhã e também algum arroz bravo, mas de intensidade normal, tendo sido efetuados os devidos tratamentos, que controlaram a situação.

No feijão (seco), nas searas mais tardias foram identificados problemas de míldio nas folhas das plantas, com efeito negativo na produtividade. Nas searas instaladas mais cedo não se fez sentir a pressão do míldio, apenas foram identificados problemas de ferrugem, mas sem interferência na produtividade.

No tomate para indústria, em termos fitossanitários o ano foi muito exigente. Durante este mês, na fase final da cultura começaram a surgir ácaros nas searas, não visíveis a olho nu e por isso mais difíceis de combater. Com o início da colheita começou a haver pressão de *Tuta absoluta*, que está a ficar resistente por falta de substâncias ativas autorizadas para o combate da praga.

Nas hortícolas de ar livre, no que respeita às brássicas, as novas plantações tiveram problemas com ataque de lagarta (*Helicoverpa armígera*), tendo esta praga surgido um pouco mais cedo este ano.

Nas hortícolas em estufa foram identificados focos de *Tuta absoluta* de intensidade média alta, problemas de podridão cinzenta e cladosporiose, ambas de baixa intensidade. Houve necessidade de realizar os devidos tratamentos que se revelaram eficazes, pelo que não ocorreram prejuízos além do normal.

Médio Tejo

Nos pomares de limão, continuaram a registar-se ataques de lagarta mineira, com intensidade média, especialmente nos novos vingamentos de frutos.



Nos olivais, registaram-se ataques de mosca da azeitona, com intensidade média, em especial nos olivais intensivos.

Nas figueiras, a principal praga continua a ser a mosca do mediterrâneo causando alguns estragos. Em geral, não se efetua tratamento para esta praga devido a não existirem produtos homologados. Alguns produtores fazem captura em massa. No caso da variedade pingo de mel a doença da ferrugem da figueira causou alguma desfolha, o que afetou a qualidade dos figos.

Nos pomares de nogueiras, surgiram ataques de baixa/média intensidade de cigarrinha e piolho, contudo encontravam-se controlados.

Nos pomares de amendoeiras no final do mês, verificou-se o surgimento de ferrugem e a presença de ácaros em resultado do tempo quente e aumento de humidade noturna, estando ainda em avaliação a oportunidade de tratamento, visto a cultura estar em fase de colheita.

Nas plantações de milho mais avançadas, no seguimento da cessação da rega, surgiram alguns ataques de ácaros com intensidade ainda baixa.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nas vinhas (vinho) registaram-se fortes ataques de cigarrinha verde e alguns ataques de míldio tardio nos cachos, sob a forma de rot brun.

Nas vinhas (uva de mesa), os ataques de mosca da fruta (*Ceratitis capitata*) e os cicadelídeos (cigarrinha verde) mantiveram-se num nível baixo.

Nos citrinos há a salientar a existência de ácaros.

No olival, verificaram-se acréscimos de população de mosca-da-azeitona, situação que tem sido monitorizada e controlada.

No arroz destaca-se a *Pyricularia* bem como a incidência de infestantes, em quantidade superior relativamente à campanha anterior, constituindo um problema grave. De salientar a presença de javalis nos arrozais que, para além de estragos nos equipamentos de rega, entram nos canteiros provocando danos.

No grão-de-bico, não houve problemas fitossanitários a salientar. Contudo, verificou-se muita incidência de infestantes na fase mais tardia do ciclo, o que entrou em concorrência com a cultura.

No tomate para indústria, o tempo quente e seco propiciou o surgimento de pragas como o aranhaço e *Tuta absoluta*, fazendo secar as plantas rapidamente.

Grande Lisboa

Nas vinhas (vinho) as ocorrências de míldio e oídio, identificadas em meses anteriores, afetaram negativamente a produção e a qualidade, com registo de casos de podridão cinzenta causada pelo fungo *Botrytis cinerea*, cujas condições de elevada humidade relativa e temperatura foram propícias ao seu desenvolvimento, levando a uma quebra de qualidade dos cachos e atraso na maturação. Ainda nesta cultura registaram-se fracos ataques de *Ceratitis capitata* (mosca da fruta),



assim como a presença de cicadelídeos (cigarrinha verde), que também se mantiveram num nível baixo.

Nas pomóideas houve incidência de psila nas pereiras. Outra praga que afetou as pomóideas em geral foi a filoxera, com efeitos negativos sobretudo na qualidade da pera, levando a danos na produção.

Nos limoeiros registou-se incidência de traça e de cochonilha.

No que concerne ao milho de regadio, as situações de lagarta e os ataques de cicadelídeos estiveram presentes, mas controláveis. A presença de javalis nos milheirais causou alguns estragos irreversíveis sobretudo por espezinhamento das plantas, situação que não é considerada muito preocupante.

No arroz as infestações de milhãs (*Echinochloa*) consideraram-se parcialmente controladas, resultado dos tratamentos efetuados no mês de julho. Manteve-se alguma presença de lagarta que, por falta de produtos certificados, se revelou difícil de combater. Contudo, esta praga não se considerou preocupante pois o arroz já estava em fase de vingamento. Foram bem sucedidos os tratamentos efetuados em julho para a *Pyricularia grisea* (fungo do arroz).

No tomate para indústria destacaram-se nalgumas áreas ácaros, *Tuta absoluta*, oídio e mosca branca, para os quais foram efetuados os devidos tratamentos que asseguraram o controlo da situação.

A presença de javalis nas searas, em geral, é já considerada uma praga preocupante, cuja destruição das plantas por espezinhamento foi consideravelmente prejudicial.

Península de Setúbal

Nas vinhas (vinho) registaram-se muitos ataques de míldio e de traça da uva, assim como de uma lagarta (ainda em fase de identificação) que provocou muitos estragos no desenvolvimento dos cachos. A cigarrinha verde teve muito menor incidência e consequências na produção do que na campanha anterior. A incidência de black rot ou podridão negra não se revelou tão preocupante como inicialmente se previa, considerando-se pouco expressiva na região.

Este ano identificou-se a existência de fogo bacteriano em pomares de pereiras da região, situação que não se tinha verificado no ano passado.

No milho de regadio continua a ser referida a incidência de javalis nas plantações, com destruição das plantas.

No arroz continua a ser referida uma grande incidência de infestantes na cultura, devido a existirem menos soluções homologadas de produtos fitossanitários. À semelhança da cultura do milho, também nos arrozais têm sido relatados ataques de javalis, com consequentes estragos na cultura.

No tomate para indústria verificaram-se alguns problemas de fitossanidade, nomeadamente míldio, ácaros e *Tuta absoluta*, com consequências no decréscimo de produção nas zonas de maior intensidade de ataques, bem como em menor qualidade do tomate colhido.

Na cultura da batata ocorreram muitas infeções de míldio.



Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No Oeste as pastagens são de sequeiro e em geral espontâneas, pontualmente melhoradas. Devido às condições climáticas de temperatura e muito fraca pluviosidade, pode-se considerar reduzida a disponibilidade de matéria verde para pasto no final do mês. Os prados de forragens, onde se destaca o azevém e a aveia, no final do mês apresentavam restolhos secos. Apenas em outubro ou novembro serão retomadas as atividades nos prados melhorados com azevém ou consociações, com o regresso das sementeiras. A produção de forragens para silagem este ano foi bastante melhor do que no ano anterior devido à disponibilidade de água no solo, com uma produtividade superior em cerca de 30% a 40%. Comparativamente ao ano anterior, o ano foi muito bom para forragens e pastagens, com maior capacidade de autoaprovisionamento de alimentação natural para os animais. Perspetiva-se o aumento de alimentos conservados e um maior equilíbrio na necessidade de suplementação com rações.

No Médio Tejo as pastagens de sequeiro encontravam-se em condições normais para a época no final do mês, com os ciclos vegetativos fechados (secas). Verificou-se neste período uma maior disponibilidade de matéria seca relativamente a igual período do ano anterior. As pastagens de regadio encontravam-se no final deste mês em bom estado vegetativo, com necessidade de regas diárias. Verificou-se a permanência de ótimas condições de disponibilização de alimentação natural para as espécies pecuárias, mantendo-se a perspetiva relativamente à necessidade de suplementação com rações ocorrer somente a partir de setembro/outubro.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, durante o mês as pastagens continuaram a ser pastoreadas. Devido a ter sido um ano muito bom, continua a haver pasto suficiente para as necessidades alimentares das espécies pecuárias.

Na Grande Lisboa a luzerna manteve-se em crescimento, perspetivando-se o sexto corte deste ano em setembro. Foi possível manter em pastoreio pleno os efetivos explorados em regime extensivo durante todo o mês, sem grande necessidade de suplementação alimentar.



Na Península de Setúbal continuou a verificar-se a alimentação animal nos prados e pastagens, com reduzida suplementação alimentar, situação muito mais favorável relativamente à campanha anterior.



Cereais praganos: andamento das colheitas; produção quanto a aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

No **Oeste** as colheitas de cereais praganos encontravam-se já praticamente concluídas no final do mês anterior, tendo ficado completamente terminadas no início deste mês. Relativamente à produtividade média na região, estima-se um acréscimo, comparativamente ao ano anterior, de cerca de 15% no trigo mole e no trigo duro e de cerca de 20% na cevada. Relativamente à aveia estima-se uma produtividade semelhante à última campanha. Apesar de terem ocorrido problemas na fase final do ciclo cultural dos cereais praganos, devido ao excesso de humidade que atrasou as colheitas e interferiu negativamente na produção, é importante ter presente que na campanha anterior a produção foi muito baixa devido à falta de água. Em termos de qualidade, o excesso de humidade degradou a qualidade do trigo e da cevada. Parte da produção que se destinava à indústria alimentar teve de ser encaminhada para alimentação animal, nomeadamente para o fabrico de rações.

No **Médio Tejo** os cereais de outono-inverno encontravam-se no final do mês com as colheitas concluídas. Na generalidade são mantidas as estimativas de aumento de produtividade e de produções globais colhidas dos cereais praganos relativamente ao ano anterior, tendo em conta as condições meteorológicas favoráveis ocorridas ao longo dos seus ciclos vegetativos. Mantém-se, no entanto no que respeita à cultura de aveia, a estimativa de produtividade mais baixa relativamente a igual período do ano anterior, registando-se assim, uma descida da variação da produção global colhida.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia** terminaram as colheitas, registando-se um aumento generalizado de quantidades e rendimentos, contudo com diminuição de qualidade, sobretudo no trigo mole. Esta situação derivou das chuvas ocorridas imediatamente antes da colheita.

Na **Grande Lisboa**, tal como referido no relatório de julho, o atraso nas ceifas, devido à precipitação ocorrida desde o início do ano, levou a uma diminuição da qualidade dos cereais praganos de outono-inverno, bem como à diminuição da produtividade esperada.

Na **Península de Setúbal**, devido às condições climáticas mais propícias ao desenvolvimento das culturas, prevêem-se produtividades superiores relativamente à campanha anterior.



Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares de pomóideas, prunoídeas, citrinos e olivais: estado vegetativo; produção quanto a aspetos de qualidade e quantidade

Vinha (vinho) - No Oeste a maior parte das vinhas encontravam-se na fase de maturação. As castas de ciclos mais longos estavam na fase pintor. Em termos de produtividade, as elevadas incidências de doenças criptogâmicas ocorridas nos meses anteriores, principalmente de míldio, provocaram perdas de produção acentuadas, estimando-se uma quebra na ordem de 25% comparativamente ao ano anterior, equiparando a produção esperada a um ano normal para a região em termos quantitativos. Também se prevê uma qualidade inferior ao ano anterior. A floração muito heterogénea e a existência, em muitas vinhas, de cachos com diferentes pontos de maturação afeta negativamente o grau alcoólico. A existência de muita podridão nos cachos tem um efeito negativo na qualidade fenólica do mosto. No entanto, a evolução da podridão cinzenta e o impacto que a doença terá na qualidade do vinho, está muito dependente do estado do tempo que irá ocorrer ao longo da vindima. De acordo com os dados de controlo da maturação, prevê-se que as datas de vindima sejam semelhantes ao ano anterior, com início estimado para a primeira semana de setembro para as castas brancas, na segunda semana para algumas castas tintas e na terceira semana para a generalidade dos tintos. Salienta-se que a data de vindima dos tintos poderá, no entanto, ser ajustada em função da evolução do grau e do estado sanitário das uvas.

No Médio Tejo as vinhas encontravam-se na maior parte das castas em fase de maturação dos bagos, com alguma heterogeneidade, registando-se vinhas com um atraso de duas semanas em relação a um ano normal, com previsão da vindima só no início de setembro, assim como, vinhas já prontas, em especial nas castas brancas, como a Chardonnay, cuja vindima foi iniciada em meados do mês. É estimada uma quebra de produtividade de pelo menos 30%, pelo efeito do escaldão e do granizo, ocorrências no mês anterior que provocaram estragos efetivos na cultura com impacto negativo na produção.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a vindima iniciou-se a 5 de agosto, com uvas de boa qualidade, à semelhança dos últimos anos. São já visíveis fortes ataques de cigarrinha verde. As previsões para esta campanha apontavam para uma ligeira quebra. No entanto, alguns ataques de míldio tardio nos cachos sob a forma de rot brun e, principalmente as elevadas temperaturas que se registaram durante o período de vindima, levando à desidratação dos bagos, contribuíram para que esta redução se acentuasse, sendo expectável uma quebra de produção de 15% a 17% relativamente à campanha anterior.

Na Grande Lisboa o desenvolvimento das vinhas tem decorrido, de um modo geral, dentro da normalidade, com os cachos em fase de maturação, prevendo-se o início da vindima nos primeiros dias de setembro, estando as castas brancas (como Fernão Pires) mais adiantadas que as de uva tinta (como Alicante Bouschet). Após o final da vindima está prevista a realização de tratamentos fitossanitários contra o míldio e cicadelídeos, de forma a manter as folhas e, conseqüentemente, coadjuvar na realização de fotossíntese das plantas, com vista a melhorar a produção da próxima campanha. As ocorrências de míldio e oídio, identificadas em meses anteriores, afetaram negativamente a produção e a qualidade das uvas. Registaram-se casos de podridão cinzenta



Pomóideas - No Oeste nos pomares de pereiras as colheitas iniciaram-se na primeira semana de agosto e estavam a terminar no final do mês, prevendo-se a conclusão durante a primeira semana de setembro. A perspetiva de produção avançada no mês de julho não se verificou, especialmente devido à forte incidência de estenfiliose que se fez sentir de forma generalizada no Alto e no Baixo Oeste, uma semana antes do início da colheita, provocando quebras na produção esperada, estimando-se ao final do mês que a produção de peras seja semelhante à do ano de 2023. Devido ao extenso período de floração o número de frutos por árvore é menor do que o previsto. Os frutos apresentam uma qualidade boa, com muita variação nos calibres, embora sejam maiores do que nos anos anteriores, e um *brix* ligeiramente inferior. Verificou-se ainda muita carepa na pele dos frutos. Nos pomares de macieiras no final do mês estava a decorrer a colheita nas variedades do grupo Gala. As noites frescas contribuíram para a coloração dos frutos e para o aumento do calibre. O escalonamento na maturação levou à necessidade de se efetuarem duas ou três ondas de colheita em muitos casos, contribuindo também para o aumento dos calibres. Em termos de produtividade, a estimativa baixou relativamente ao reportado no mês de julho, prevendo-se que seja semelhante ao ano anterior. Os frutos apresentam boa qualidade, embora com coloração, calibres e *brix* ligeiramente inferiores à última campanha. A colheita de maçã do grupo Gala terminará na primeira quinzena de setembro. A colheita de maçã Reineta irá iniciar-se na primeira semana de setembro e de maçã Fuji durante o mês de outubro, sendo esperada uma produção semelhante ao ano anterior para estas duas variedades.

No Médio Tejo os pomares de maçã encontravam-se na generalidade no final do mês com a colheita terminada, com exceção dos pomares da variedade Golden, cuja colheita estava ainda a decorrer, estimando-se no geral produções com qualidade. No que respeita aos pomares de pera (Rocha) encontravam-se também no final do mês com a colheita praticamente concluída. Em termos quantitativos, contrariamente ao previsto, estima-se nesta fase uma produtividade muito semelhante à obtida no ano anterior.

Na Grande Lisboa os pomares de pomóideas encontravam-se com bom desenvolvimento vegetativo e em estado fenológico de frutos maduros, estando terminada a colheita de pera e iniciada a colheita de maçã. Estima-se uma quebra de produtividade para a pera que, neste mês, apresentou maior quantidade de carepa e, para a maçã, a produtividade estima-se semelhante à do ano anterior, mas com calibres mais baixos. A temperatura elevada que se fez sentir em alguns dias ao longo do mês, associada à elevada humidade relativa matinal, foram favoráveis à aceleração da maturação dos frutos e às infeções de estenfiliose, com os inerentes efeitos nefastos que esta doença provoca no fruto em termos qualitativos e quantitativos. Houve ainda incidência de psila nas pereiras, cujos frutos se apresentavam com uma coloração negra provocada pela fumagina. Outra praga que afetou as pomóideas em geral foi a filoxera, com efeitos contraproducentes sobretudo na qualidade da pera, levando a danos na produção.

Na Península de Setúbal a colheita de maçãs que se iniciou no final de julho, terminou no final de agosto, com frutos de boa qualidade e bom calibre, sendo a produtividade superior à da campanha anterior. Relativamente à pera, a colheita iniciou-se na segunda semana de agosto e terminou na terceira semana do mês. A qualidade da fruta colhida foi boa e com bons calibres, tendo havido muita fruta estragada, sem qualidade para comercialização. A produtividade foi idêntica à da campanha anterior. De referir que este ano se identificou a existência de fogo bacteriano em pomares de pereiras da região, situação que não se tinha verificado no ano passado.



Prunóideas - No Oeste, no final do mês encontravam-se concluídas as colheitas de ameixa e de pêsego, mantendo-se as previsões avançadas no mês de julho. Comparativamente ao ano anterior, houve uma quebra de produtividade de cerca de 40% na ameixa e de 30% no pêsego, relacionada com as condições climatéricas que impactaram negativamente nas variedades mais precoces, designadamente a ocorrência de temperaturas baixas no final dos meses de fevereiro e março que provocaram o abortamento floral. Nas variedades mais tardias a produção foi idêntica ao ano passado. Verificou-se uma boa qualidade no *brix* e na coloração dos frutos nas variedades em geral.

No Médio Tejo, no que respeita à cultura de pêsego, a colheita encontrava-se concluída em agosto. Mantém-se a estimativa de menor produtividade relativamente ao ano anterior, com uma variação de 40%.

Na Península de Setúbal a colheita de ameixas terminou na última semana de agosto, sendo a produtividade cerca de 20% inferior à da campanha anterior, com qualidade média.

Citrinos - No Médio Tejo os pomares de limoeiros encontravam-se no final do mês em fase de enchimento dos frutos e de crescimento de novos vingamentos. As condições climatéricas ocorridas, em especial as temperaturas altas, continuaram a ter impacto na cultura com muitos frutos escaldados, sendo assim, em termos qualitativos, prevista uma parte da produção com pouca qualidade.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia o aspeto vegetativo dos pomares é razoável. Contudo, devido ao calor que se fez sentir na região, verificou-se o aparecimento de alguns frutos chapados, principalmente os mais expostos. Houve incidência de ácaros, tendo sido efetuados tratamentos fitossanitários. Na laranja, em concreto, continua-se a prever uma redução da produção em relação ao ano anterior na ordem de 20% a 25%.

Na Grande Lisboa a cultura de limão tem-se desenvolvido dentro dos parâmetros expectáveis para a época. Não obstante, as condições climatéricas foram propícias ao aumento de incidência de traça e de cochonilha no limoeiro.

Na Península de Setúbal, manteve-se tudo na normalidade no mês de agosto, sendo de salientar as temperaturas mais amenas em relação ao ano passado, apresentando-se a cultura na fase de crescimento de fruto.

Olival - No Médio Tejo a cultura encontrava-se ao longo do mês com os frutos em crescimento e endurecimento do caroço. Nesta fase em termos quantitativos é mantida a estimativa de uma produção superior quando comparada com o ano anterior, em cerca de 25%. Em termos qualitativos ainda não é possível uma previsão.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, para a generalidade das variedades de azeitona, os olivais apresentavam boa perspectiva de produção, estimando-se um acréscimo de 20% a 30 % face à produção do ano anterior. Em termos qualitativos ainda é prematuro avançar com previsão, pois



dependerá muito das condições climáticas que serão determinantes para a evolução das pragas e doenças que poderão impactar na qualidade. Verificaram-se, conforme reportado no mês anterior, acréscimos de população de mosca-da-azeitona, que tem sido monitorizada e controlada.

Figueiras - No Médio Tejo relativamente à variedade “lampa preta” a colheita dos figos lampos encontrava-se praticamente terminada. Em alguns pomares da região estima-se uma produtividade semelhante ao ano anterior, não se verificando a ligeira diminuição referida anteriormente, enquanto, noutros pomares é estimada nesta fase uma diminuição de produtividade em cerca de 10%. Na variedade “Maia”, especificamente, a produção de figos lampos foi superior em cerca de 10%. A qualidade dos figos lampos é qualificada como normal. Os figos vindimos da variedade “preto de Torres Novas” estão na fase de maturação e a decorrer a colheita. Em termos quantitativos é estimada uma produção inferior em cerca de 10%. Os figos vindimos apresentam um calibre inferior relativamente a período igual do ano anterior, justificando-se pela influência negativa das temperaturas elevadas e da baixa precipitação. Relativamente à variedade “pingo de mel” é estimada uma produção superior quando comparada com o ano anterior, apresentado também os figos um calibre inferior e uma qualidade normal.

Nogueiras - No Médio Tejo os pomares encontravam-se em bom estado vegetativo e em fase de enchimento do fruto (miolo), prevendo-se a colheita para o início de outubro. Mantém-se a estimativa em termos quantitativos de uma quebra de produção de cerca de 10% relativamente ao ano anterior. Contudo, a perspetiva poderá evoluir favoravelmente, tendo em conta a observação neste mês de poucos frutos caídos no chão (frutos ocos, não fecundados).

Amendoeiras - No Médio Tejo ao longo do mês os pomares de amendoeiras encontravam-se em fase de maturação dos frutos, tendo sido iniciada a colheita nos últimos dias de agosto. Nesta fase é estimada uma menor produtividade face ao ano anterior, em cerca de 17%.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a colheita iniciou-se no final do mês. Ocorreram quebras de produção bastante acentuadas, devido a perdas na floração decorrentes da elevada precipitação verificada na primavera. Prevê-se um decréscimo de 10% na produtividade relativamente à campanha anterior.

Na Península de Setúbal os pomares encontravam-se em fase de maturação dos frutos, estando prevista a colheita em meados de setembro. A precipitação ocorrida na primavera provocou muita queda de flor, o que diminuiu muito a expectativa de produção. Perspetiva-se uma produtividade idêntica à da campanha anterior.



Estado vegetativo das culturas arvenses de sequeiro e regadio nomeadamente Milho, Arroz, Grão-de-bico, Feijão, Tomate (para indústria) e Girassol; disponibilidade de água para rega

Milho de regadio - No Oeste as sementeiras decorreram entre o mês de abril e o mês de junho. Devido à precipitação ocorrida durante o mês de junho e à boa disponibilidade de água no solo, houve pouca necessidade de rega na fase inicial. Dependendo da data das sementeiras, no final do mês de agosto havia searas com o milho já a secar o grão, embora ainda com níveis elevados de humidade, searas com o grão no estado ceroso, searas com o grão ainda em massa e searas em floração com a bandeira saída. A cultura apresentava um atraso de cerca de quinze dias nas searas instaladas mais tardiamente. As colheitas estão previstas iniciar na segunda metade de setembro e decorrerão durante o mês de outubro. Pode-se considerar boa a disponibilidade de água para rega. Em termos de produtividade, estima-se que seja semelhante ao ano anterior. É prematura uma avaliação da qualidade.

No Médio Tejo as plantações de milho (grão) ao longo do mês encontravam-se em bom estado vegetativo e como já referido anteriormente, em diversos estádios fenológicos devido ao escalonamento das plantações, que assim se encontravam nos estádios reprodutivos de enchimento do grão (R3 a R5), com as mais avançadas no estágio de maturação fisiológica do grão (R6). Constatou-se neste mês, tendo em conta as temperaturas altas verificadas, a necessidade de aumento dos consumos de água para rega, com a prática de regas diárias, ao passo que, nas plantações mais avançadas já cessou a rega. É previsto um ligeiro aumento de produtividade, contudo, ainda não é possível avançar uma estimativa. Mantêm-se identificados alguns estragos causados pelos javalis.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a cultura apresentava-se com bom desenvolvimento e em fase terminal do ciclo, com redução da quantidade de água de rega, estando previsto o início da colheita em meados de setembro. Relativamente à produtividade, prevê-se um ligeiro aumento, mas ainda é cedo para estimar.

Na Grande Lisboa no final do mês as plantas encontravam-se com desenvolvimento vegetativo normal, em fase de grão leitoso e de amadurecimento, estando conjecturado o início da colheita para finais de setembro/início de outubro, prevendo-se uma produtividade semelhante à da campanha anterior. Durante o mês impôs-se um maior cuidado com a rega, de forma a evitar que o grão definhasse. Os dias com temperaturas elevadas aliados ao vento que se fez sentir ao longo do mês provocaram uma maior evapotranspiração, determinando uma maior vigilância da rega. Relativamente aos aspetos fitossanitários, as situações de lagarta e os ataques de cicadélídeos estiveram controláveis. À semelhança do mês anterior, a presença de javalis nos milheirais causou alguns estragos irreversíveis, sobretudo por espezinhamento das plantas, pese embora ainda não seja uma situação muito preocupante.

Na Península de Setúbal no final do mês as plantas encontravam-se com bom desenvolvimento vegetativo e com boa qualidade, estando prevista a colheita para início de outubro. Continua a ser referida a incidência de javalis nas plantações de milho, com consequências na destruição das plantas. Ainda é cedo para estimar a produtividade.



Arroz - No Oeste a cultura apresentava um desenvolvimento normal para a época, encontrando-se as plantas na fase de espigamento. Em termos de produtividade esperada ainda é cedo para estimar, só sendo possível perspetivar após a alimpa. A colheita está prevista ocorrer no mês de outubro. Pode-se considerar boa a disponibilidade de água para rega.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia no final do mês a cultura apresentava-se com bom desenvolvimento vegetativo, com ligeiro atraso relativamente à campanha anterior. Encontrava-se nas fases entre emissão de canículas, ainda a espigar e de grão leitoso. Em termos fitossanitários salienta-se a *Pyricularia*. A incidência de infestantes é superior relativamente à campanha anterior, constituindo um problema grave. De salientar também a presença de javalis, que para além de estragos nos equipamentos de rega, entram nos canteiros, provocando danos. O início da colheita está previsto para final de setembro/início de outubro. Prevê-se um decréscimo de produtividade de 5%.

Na Grande Lisboa no final do mês verificou-se que os arrozais estavam na sua maioria em fase de espigamento e início de amadurecimento, principalmente os semeados mais cedo, em abril. Durante o mês ainda se fizeram adubações em algumas áreas. As infestações de milhãs (*Echinochloa*) estiveram parcialmente controladas, resultado dos tratamentos efetuados no mês de julho. Manteve-se alguma presença de lagarta que, por falta de produtos certificados, se revela difícil de combater. Contudo, esta praga não se considerou preocupante pois o arroz já estava em fase de vingamento. Foram eficazes os tratamentos efetuados em julho para a *Pyricularia grisea* (fungo do arroz). Prevê-se o início da colheita para meados de setembro, com uma quebra de produtividade na ordem de 5% relativamente ao ano anterior, mas com uma produção característica de um ano normal. As condições climáticas ao longo do mês foram favoráveis às searas de arroz.

Na Península de Setúbal a cultura encontrava-se nas fases de grão leitoso a pastoso e em início de maturação. Não se verificaram problemas fitossanitários de relevo. Continua a ser referida a grande incidência de infestantes na cultura, devido a existirem menos soluções homologadas de produtos fitossanitários. A colheita está prevista para final de setembro/início de outubro. À semelhança da cultura do milho, também nos arrozais têm sido relatados ataques de javalis, com consequentes estragos na cultura. Prevê-se uma produtividade idêntica ao ano anterior.

Grão-de-Bico - No Oeste a cultura ocupa uma área muito reduzida. No final do mês as plantas encontravam-se no ponto de colheita, prevendo-se que esta ocorra no início de setembro. As plantas apresentavam uma boa formação de vagens, mas com grãos de calibre pequeno. É estimada uma produtividade idêntica à do ano anterior.

No Médio Tejo as plantações de inverno (dezembro) encontravam-se com as colheitas terminadas, mantendo-se a estimativa de um aumento de produtividade relativamente ao ano anterior (30%). As plantações de abril/maio no final do mês apresentavam um bom estado vegetativo, em preparação para a colheita.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a colheita terminou no mês de agosto, com produção de qualidade normal, sem problemas fitossanitários a salientar, mas com muita incidência de



infestantes na fase mais tardia do ciclo e que entraram em concorrência com a cultura. Estima-se um decréscimo de produtividade de cerca de 20% relativamente à campanha anterior.

Feijão (seco) - No Oeste a instalação da cultura decorreu entre meados de abril e final de maio. Devido à disponibilidade de água no solo, apenas muito pontualmente houve necessidade de regar. No final do mês encontrava-se a decorrer a colheita das searas instaladas mais precocemente, estimando-se uma produtividade idêntica ou superior ao ano anterior. Nas searas instaladas mais tarde as plantas apresentavam ainda vagens verdes, prevendo-se a colheita no início de outubro. Devido a problemas de míldio nas folhas, nas sementeiras mais tardias poderá verificar-se uma ligeira diminuição da produtividade esperada.

No Médio Tejo a cultura encontrava-se em bom estado vegetativo, verificando-se ao longo do mês o decorrer da colheita. Em termos quantitativos, mantém-se a estimativa de um ligeiro aumento de produtividade (3%) relativamente ao ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia no final do mês a cultura encontrava-se em fase de maturação do grão, com qualidade média/boa, tendo sido prejudicada durante o ciclo cultural pelas condições climáticas, nomeadamente as trovoadas ocorridas. Prevê-se a colheita para meados de setembro, sendo ainda cedo para estimar a produtividade.

Tomate-indústria - No Oeste procedeu-se a uma atualização da área estimada. No final do mês cerca de 40% da área instalada encontrava-se colhida, prevendo-se a sua conclusão no final de setembro. Nas áreas já colhidas a produtividade é superior ao ano anterior. Contudo, em algumas áreas ainda por colher prevê-se um decréscimo de produtividade relacionada com a instalação de cultura de cobertura, com nabo forrageiro. No final do mês começou a verificar-se alguma pressão na colheita devido à concentração da maturação das plantações realizadas na primavera, o que poderá ocasionar sobrematuração dos frutos e resultar em perdas de produtividade. É considerada boa a disponibilidade de água para rega, sendo as necessidades de água menores na fase final da cultura.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a colheita começou no início do mês de agosto, estando no final do mês cerca de metade da área colhida. Prevê-se que a totalidade da colheita seja efetuada até 10 de outubro. O tomate colhido apresenta boa qualidade, com valores aceitáveis de grau *brix* e cor. Em termos fitossanitários, o tempo quente e seco propiciou o surgimento de pragas como o araniço e *Tuta absoluta*, fazendo secar as plantas rapidamente. A ausência de chuva tem permitido manter os campos limpos de fungos e as colheitas a decorrer sem interrupções e sem dificuldades. No entanto, se ocorrer precipitação durante a época da colheita, poderá ter consequências no escoamento do produto e entrega na indústria, como também na qualidade do fruto colhido.

Receia-se a dificuldade na capacidade de escoamento de produto em algumas unidades industriais, que poderá afetar negativamente a qualidade da produção. Relativamente à produtividade, estima-se nesta fase que será um pouco inferior à campanha anterior, na ordem de 5%.



Na Grande Lisboa a cultura apresentava-se com frutos maduros, tendo sido iniciada a colheita na primeira semana de agosto, prevendo-se o seu término para o início de outubro. No que concerne a problemas fitossanitários destacaram-se em algumas áreas ácaros, mosca branca, *Tuta absoluta* e oídio, para os quais foram aplicados os apropriados procedimentos que asseguraram o controlo da situação, que, por ora, ainda não é preocupante. O pico de calor que se fez sentir a 16 de agosto afetou algumas áreas, provocando mesmo a queimadura de plantas e frutos. Prevê-se uma quebra de produtividade em cerca de 5% relativamente à campanha anterior, devido às chuvas e queda de granizo aquando da plantação.

Na Península de Setúbal a colheita iniciou-se no princípio do mês de agosto, com tomate de qualidade média/boa, tendo-se verificado alguns problemas de fitossanidade, nomeadamente mildio, ácaros e *Tuta absoluta*, com consequências no decréscimo de produção nas zonas de maior intensidade de ataques, bem como numa menor qualidade do tomate colhido. No geral, prevê-se que a produtividade seja idêntica ou um pouco inferior à da campanha anterior. A colheita está prevista decorrer até meados de outubro.

Girassol - No Oeste, conforme referido no mês anterior, a cultura tem uma expressão muito reduzida, podendo afigurar-se que deixou de ser praticada.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia no final do mês a cultura apresentava-se com bom desenvolvimento vegetativo e sem problemas fitossanitários, estando previsto o início da colheita em meados de setembro. É previsível alguma quebra na produção, mas ainda não é possível estimar.

Na Grande Lisboa a cultura apresentava-se em fase de floração e, em algumas áreas, já com a semente em fase de maturação, tendo-se dado início à colheita destas últimas durante o mês de agosto. Considera-se que a colheita está, de um modo geral, atrasada devido às chuvas ocorridas nos meses anteriores, que impuseram sementeiras mais tardias (finais de maio), sendo que estas ficaram sujeitas às temperaturas muito elevadas em junho e julho e, por isso, viram comprometidas a sua floração. Estas condições climatéricas perspetivam uma menor produtividade relativamente ao ano anterior. Como referido em julho, devido à baixa rentabilidade económica que se tem verificado em geral na cultura, houve um decréscimo da área semeada de girassol para alimentação, situação que é inversamente proporcional à produção de girassol para semente, sendo esta comercializada a melhor preço para toda a União Europeia devido à sua elevada qualidade.



Colheita das culturas de batata de sequeiro e regadio: como decorreu; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

Batata de regadio - No Oeste ainda se encontravam algumas áreas em colheita no final do mês. O atraso nas plantações devido ao excesso de chuva no final do inverno e início da primavera, também provocou um ligeiro atraso nas colheitas. A irregularidade verificada no desenvolvimento



da cultura e o facto de haver ainda áreas significativas por colher, dificulta uma estimativa precisa, podendo-se, no entanto, avançar uma previsão de quebra da produtividade média que poderá ser na ordem de 30%. Em termos de qualidade não se registam alterações significativas comparativamente ao ano anterior, verificando-se apenas a presença de calibres inferiores e a necessidade de alguma escolha devido à incidência de insetos de solo ou devido a algum esverdeamento ocorrido em solos de textura mais ligeira ou com menor disponibilidade de rega.

No Médio Tejo a cultura de batata de regadio (para indústria) encontrava-se com a colheita a decorrer, com 70% da área colhida no final do mês. É mantida nesta fase a estimativa de uma menor produção em comparação com igual período do ano anterior, com uma variação de 20%. Os motivos do menor rendimento da cultura prendem-se com o impacto negativo das condições climáticas ocorridas na fase de plantação pelas chuvas intensas e alagamento dos campos, que foram muito desfavoráveis. Nas áreas já colhidas o produto apresentava uma qualidade boa.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia as colheitas estavam praticamente terminadas no final do mês de agosto, sendo média a qualidade da batata colhida. A campanha mais precoce foi caracterizada pela ocorrência de fortes precipitações e a mais tardia pelas elevadas temperaturas, situações que prejudicaram o desenvolvimento da cultura. A incidência de míldio foi controlada. Relativamente à produtividade, estima-se uma redução na ordem de 20% relativamente à campanha anterior.

Na Península de Setúbal a colheita de batata de regadio terminou em meados do mês de agosto. Mantém-se o referido em relatórios anteriores: *“as elevadas precipitações, principalmente na última semana de março, provocaram aborto de tubérculos e infeções por ataques de míldio, levando à morte total ou parcial de plantas, o que explica o decréscimo da produtividade em cerca de 20%, apesar de a qualidade não ter sido muito afetada”*. De salientar que as primeiras colheitas foram de menor qualidade e de produtividade mais baixa, sendo que nas últimas colheitas a qualidade e a produção foram melhores.

Batata de sequeiro - No Oeste a colheita encontrava-se concluída no final do mês. Comparativamente ao ano anterior mantem-se a estimativa avançada no mês de julho, de quebra acentuada na produtividade, estimando-se que em média seja de 50% no Alto Oeste e de 40% no Baixo Oeste, muito variável entre produtores, e uma qualidade inferior na generalidade.

9 de setembro de 2024